

## **DIFICULDADES E FACILIDADES DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM EM AÇÃO EDUCATIVA EM MOVIMENTO DE RUA: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE “NÃO LUGAR”.**

Tamilis Souza Nascimento <sup>1</sup>  
Jeanne Gomes da Silva Nogueira <sup>2</sup>  
Adriana Valéria da Silva Freitas <sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A partir da quebra do paradigma da concepção de saúde como ausência de doença, deu-se espaço para o processo saúde-doença baseado em uma visão integral do paciente. Considerando aspectos que vão além das alterações fisiológicas. Transformando essa posição passiva do paciente, como o próprio termo já diz, e colocando-o como ativo no seu processo de melhora. (CANGUILHEM, 1943)

Questões éticas começam a debater a autonomia do paciente e com isso a ideia da importância de orientá-lo para manutenção da vida e da saúde. Na Primeira Conferência Internacional de Promoção da Saúde em 1986 foi escrito a carta de Ottawa, e de dentro dos seus cinco campos de ação destaca-se o desenvolvimento de habilidades pessoais. Trazendo possíveis estratégias de educação em saúde, com foco em hábitos e comportamentos passíveis de mudança. (SALCI et al, 2013).

Tradicionalmente a educação em saúde ganhou lugar na Atenção Básica até ocupar os demais níveis de atenção e ainda vem pleiteando espaço. A ideia preconizada pelo Caderno de Educação e Saúde do Ministério da Saúde, 2007 é promover essa educação em toda a rede de serviços do Sistema Único de Saúde – SUS. Todavia, o que a experiência com a população em situação de rua e transeuntes nos trouxe foi a perspectiva de como fazer essa educação fora dos estabelecimentos de saúde.

Assim, este trabalho teve como objetivo discutir as dificuldades e facilidades de estudantes de enfermagem em ação educativa em movimento de rua considerando o conceito de “não lugar”.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – UFBA, [tami.sz@outlook.com](mailto:tami.sz@outlook.com) ;

<sup>2</sup> Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia - UFBA, [jeanegomes.gsn@gmail.com](mailto:jeanegomes.gsn@gmail.com) ;  
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL -UFBA

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Trata-se de um estudo do tipo reflexão teórica, que surgiu da experiência de uma atividade de educação em saúde em uma praça pública situada na cidade de Salvador, no centro da capital, na saída de uma estação de metrô, lugar de intenso fluxo. Essa ação foi desenvolvida pelo Observatório de Saúde e Cidadania que é um dos projetos de extensão que compõe o Programa de Educação Tutorial – PET da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Programa este que é composto pela tríade que move a Universidade sendo: ensino, pesquisa e extensão, formado por grupos tutoriais de aprendizagem

Nesse sentido, sob a luz dessa experiência, ponderou-se sobre a concepção desse “lugar extramuros” que Marc Augé (1994) em seu livro “Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade”, conceitua como “não lugar” sendo espaços de circulação comum, de consumo e de comunicação global e em rede.

Assim, esta foi a base teórica fundamentou o estudo. Além disso, a percepção das autoras a respeito do assunto abordado também colaborou para sua construção. Buscou-se discutir estudos que contemplassem a temática. Sendo o texto organizado em duas partes, uma delas descrita no desenvolvimento e a outra discutida nos resultados e discussão.

## **DESENVOLVIMENTO: REFLEXÃO TEÓRICA DO “NÃO LUGAR”**

Com as novas configurações da sociedade contemporânea frutos da urbanização e da globalização, novos espaços de vivência foram ganhando lugar. Espaços de circulação comum que reúnem diferentes classes, gêneros e raças como, a depender dos espaços, nacionalidades. Espaços que estão sempre ocupados, mas que não são habitados, não possuem um proprietário, sendo de livre acesso e circulação a todas as pessoas. Como praças públicas, supermercados, aeroportos, rodoviárias e locais públicos de grande circulação (SÁ, 2014).

Uma vez que esse novo lugar começa a fazer parte da vida das pessoas, ele começa a se modificar e influenciar aqueles que por ali passam. Ganhando características próprias, se tornando objeto de estudo da Antropologia e das Ciências Sociais. O Antropólogo Marc Augé se debruçou sobre analisar esses novos espaços, dando-lhes uma nomenclatura própria de

“não lugar” Concebendo esses espaços como contrários a noção de lugar antropológico que está associado e ideia de lar e construção de laços (SÁ, 2014).

Então ele conceitua esse não lugar como sendo espaços de comunicação, circulação e consumo, estando sempre cheio de pessoas e desempenhando múltiplas funções como uma praça que pode ser um local de interação e também um local de passagem e de consumo. Os “não-lugares”, são fundamentalmente contrários ao lar, ao espaço padronizado, individualizado, sendo representados por espaços coletivos. Não tendo mais aquela ideia de um espaço físico ligado a construção de laços e inter-relações, e sim de locais efêmeros (SÁ, 2014).

Entretanto, o que representa os “não-lugares” para a maioria da população, para a População em Situação de Rua (PSR) constitui-se como um espaço praticante de vivência diária. Um lugar de possibilidades e expectativas, no qual se estabelecem relações de trabalho e familiares construindo uma complexa rede de relações (DA SILVA, 2012).

Na abordagem junto a população em situação de rua são múltiplos os problemas encontrados, problemas estes que levaram a situação de rua ou que foram desencadeados por essa condição. Problemas que vão desde transtornos mentais, as deficiências físicas e mentais, ao consumo de álcool e outras drogas até as causadas por doenças infectocontagiosas e complicações relacionadas a causas externas, principalmente a situações de violência (DA SILVA, 2012).

Um outro fator a ser considerado é o tempo de permanência que esta população específica fica na rua. As pessoas que vivenciam a situação de rua, muitas vezes não tem dimensão cronológica do tempo de permanência na rua, no entanto sabe-se que o impulso para esta situação é quase sempre marcado por um evento emblemático. Este período de permanência, relacionado com o contexto de vida e os vínculos afetivos e familiares, pode ser classificada em três situações diferentes: ficar na rua (circunstancialmente), estar na rua (recentemente) e ser da rua (permanentemente) (HINO et al, 2018).

A condição de viver na rua leva a exclusão do acesso a políticas públicas e sociais que tem por base o endereço. Isso requer intervenções que levem em conta suas particularidades e sua compreensão do processo saúde e doença, para que a abordagem seja conforme suas necessidades. Paiva e colaboradores (2016) levantaram essas questões trazendo que a

concepção de saúde para a PSR está associada a capacidade de estar vivo e resistir ao cotidiano de dificuldade na rua.

Logo, para essa população o corpo é seu único patrimônio e meio de garantir sua subsistência. Já os problemas que não afetam diretamente sua capacidade de trabalhar e de sobreviver são relativizados. Essa compreensão suscita a necessidade dos profissionais de saúde se aprofundarem no conhecimento a respeito das demandas dessa população como também da forma como a educação em saúde deve chegar nesses espaços e como ela deve ser abordada (PAIVA et al, 2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esse foi o primeiro ponto crítico quando o grupo que faz parte do PET Enfermagem UFBA – Programa de Educação Tutorial foi chamado para realizar uma ação com a população em situação de rua. Não se tinha vivência com essa população para saber quais suas demandas e como fazer essa abordagem em um local de circulação. Trabalhar em um espaço que não é nem identitário, nem relacional tornou a ação com pessoas em situação de rua e transeuntes uma experiência complexa, a qual o grupo precisou ampliar seus conhecimentos para ser capaz de desenvolver uma ação nesse “não lugar”.

Os principais entraves encontrados foram primeiramente que o público alvo não era delimitado por faixa etária ou gênero, ou mesmo por um espaço específico, sendo assim, um campo abrangente de possibilidades de se fazer saúde. O segundo ponto foi ser um local de transição. As abordagens dentro da saúde poderiam ser múltiplas indo desde a dimensão técnica, como aferir pressão, quanto a promoção da saúde mental, através de atividades lúdicas de estímulo à memória e a cognição, até uma educação em saúde. Essa dificuldade se deu justamente pela falta de aproximação com esse grupo e desconhecimento sobre suas necessidades.

Uma outra barreira para se realizar intervenções com a população em situação de rua é o período de permanência que as mesmas ficam na rua. Este fator é importante, uma vez que para que haja um melhor resultado é necessário criar-se um vínculo entre o facilitador e a comunidade. Além da dificuldade de manter este vínculo, uma vez que há uma mudança constante de “casa” ou locais identitários às pessoas que se encontram em vivência de rua.

Para sanar essa dificuldade, uma vez que não seria possível ter um contato prévio como esse grupo, justamente por ser um grupo que está sempre mudando optou-se por estudar sobre o que as pesquisas recentes feitas com a população de rua de Salvador traziam como principais dificuldades. Sendo levantadas questões como saúde mental, violência e consumo de álcool e outras drogas.

Dentro dessas possibilidades encontrou-se na saúde mental o risco de acionar traumas emocionais os quais possivelmente não se teria capacidade técnica de dar um suporte, além da quantidade de transeuntes ser incompatível com a equipe. Sendo que o mesmo entrave se apresentou quando o assunto foi violência, sendo feita a opção pela educação em saúde com enfoque nos efeitos causados pelo consumo de drogas, que foi um dos problemas levantados.

Diante desse contexto, foram realizados jogos interativos tendo como foco o cuidado com a memória, a qual pode ficar debilitada pelo consumo de algumas drogas, especialmente o crack, e ensinado aos participantes a realizarem atividades cognitivas no dia-a-dia para manter o estímulo da memória.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca por vencer novas barreiras, pensando novas formas de atuar sobre esse “não lugar”, foi uma experiência que ampliou nosso olhar sobre a educação em saúde e sua capacidade de transcender os espaços. Se mostrou para as estudantes do PET Enfermagem UFBA o “não lugar” como um espaço complexo de atuação que apesar de ser utilizado ainda é pouco explorado e compreendido.

Dessa maneira, com o crescimento constante dessa população, causado pelo acentuamento das desigualdades sociais fruto da lógica exploratória do capitalismo, traz a necessidade da saúde se apropriar desses espaços como ambiente de prática de educação em saúde. Como forma primeiramente de alcançar esse público marginalizado e depois como forma de alcançar grupos que tem dificuldade ou resistência de acesso ao espaço físico dos serviços de saúde

**Palavras-chave:** População em Situação de Rua; Educação em Saúde; Espaço Público.

## **REFERÊNCIAS**

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Papirus Editora, 1994.

BRASIL, Caderno de educação e saúde  
<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_educacao\\_popular\\_saude\\_p1.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf)> 2007

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Paris: Presses Universitaires de France, 1943. 224.

DA SILVA, Cláudia Lúcia. Estudos sobre população adulta em situação de rua: campo para uma comunidade epistêmica?. 2012.

HINO, Paula; SANTOS, Jaqueline de Oliveira; ROSA, Anderson da Silva. Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, supl. 1, p. 684-692, 2018.

PAIVA, Irismar Karla Sarmiento de et al. Direito à saúde da população em situação de rua: reflexões sobre a problemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, 2016.

Salci MA, Maceno P, Rozza SG, Silva DMGV, Boehs AE, Heidemann ITSB. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto Contexto Enferm.* 2013

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo Social*, v. 26, n. 2, p. 209-229, 2014.